

**O MOVIMENTO HIP HOP NA ZONA LESTE DA CIDADE DE SÃO PAULO
(BRASIL): O GRITO-DENÚNCIA DA JUVENTUDE PERIFÉRICA**

THE HIP HOP MOVEMENT IN THE EAST AREA OF SÃO PAULO (BRAZIL): THE
CRYING-DENUNCIATION OF PERIPHERAL YOUTH

EL MOVIMIENTO DE HIP HOP EN LA ZONA ORIENTAL DE LA CIUDAD DE SÃO
PAULO (BRASIL): LA DENUNCIACIÓN LLORANTE DE LA JUVENTUD PERIFÉRICA

Victória Caroline Vidal¹

Bruna França Oliveira²

Rahyan de Carvalho Alves³

Resumo: O Movimento Hip Hop surgiu nos Estados Unidos na década de 1970, no distrito nova-iorquino do Broxyn, marcado pela pobreza econômica e exclusão social, habitado por negros e imigrantes, predominantemente, jamaicanos e latino-americanos. O movimento tem como sua característica mais marcante o grito-denúncia às precárias condições de vida, ao descaso do poder público em ofertar os serviços públicos essenciais ao bem-estar coletivo, racismo, xenofobia e demais preconceitos correlatos e, por isso, inspiraram-se em movimentos e líderes políticos símbolos da luta negra por direitos civis como Malcom-X e Martin Luther King. O Hip Hop é composto por quatro elementos, a saber: break, a dança; grafite; Dj e Mc, os cantores, a junção desses dois últimos formam o RAP, a música do movimento. No contexto brasileiro, o movimento desenvolveu-se primeiramente nas áreas periféricas das cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, em 1990, posteriormente, difundiu-se para as demais regiões brasileiras adquirindo características particulares. O objetivo do artigo consiste em analisar o comportamento dos jovens adeptos ao Hip Hop e suas manifestações culturais, sobretudo, o Rap, para compreender a essência do movimento enquanto contestação social às mazelas sociais. A metodologia pautou-se no método fenomenológico a partir de experiências vivenciadas (e percepções) no ano de 2019 com o grupo da Zona Leste de São Paulo, contato com os integrantes com registros de relatos e retrabalhamento bibliográfico. O

¹ Graduanda em Geografia pela Universidade Estadual de Montes Claros - Unimontes. Bolsista pela FAPEMIG do Projeto Planejamento Regional e Instrumentos de Gestão Intermunicipal no Norte de Minas Gerais. Montes Claros/MG. E-mail: victoria.caroline.vidal.13@gmail.com. Lattes iD: <http://lattes.cnpq.br/3652124135694342>. Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0003-0778-0559>.

² Graduanda em Geografia pela Universidade Estadual de Montes Claros - Unimontes. Bolsista pela CAPES do Programa Residência Pedagógica. Monte Claros/MG. E-mail: brunaolifr@gmail.com. Lattes iD: <http://lattes.cnpq.br/1731793745062586>. Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0001-8987-510X>.

³ Doutorando em Geografia. Docente da Universidade Estadual de Montes Claros - Unimontes. Coordenador do Subprojeto Geografia no Núcleo de Promoção da Cidadania e subcoordenador do Projeto de Pesquisa Biotemas, ambos institucionalizados na UNIMONTES. Montes Claros/MG. E-mail: rahyncarvalho@yahoo.com.br. Lattes iD: <http://lattes.cnpq.br/0593456424985792>. Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0001-7225-5959>.

Hip Hop deve ser desmistificado enquanto apologia à violência e criminalidade e apreendido enquanto reivindicação dos marginalizados ao direito à cidadania.

Palavras-chave: Movimento Hip Hop, Rap, Desmistificação, Grito-denúncia.

Abstract: The Hip Hop Movement emerged in the United States in the 1970s, in the New York district of Broxnx, marked by poverty and social exclusion, inhabited by blacks and immigrants, predominantly Jamaicans and Latin Americans. The most striking feature of the movement is the scream-denunciation of the precarious living conditions, the neglect of the public authorities in offering public services essential to collective well-being, racism, xenophobia and other related prejudices and, therefore, were inspired by movements and political leaders symbols of the black struggle for civil rights like Malcom-X and Martin Luther King. Hip Hop consists of four elements: break, dance; graphite; Dj and Mc, the singers, the combination of these last two forms the RAP, the music of the movement. In the Brazilian context, the movement first developed in the peripheral areas of São Paulo and Rio de Janeiro, in 1990, later, it spread to the other Brazilian regions acquiring characteristics. The aim of the article is to analyze the behavior of young people who adhere to Hip Hop and its cultural manifestations, especially Rap, to understand the essence of the movement as a social challenge to social ills. The methodology was based on the phenomenological method based on experiences with a group in the East Zone of São Paulo. Hip Hop must be demystified as an apology for violence and crime and apprehended as demands of the marginalized to the right to citizenship.

Keywords: Hip Hop Movement, Rap, Demystification, Scream-denunciation.

Resumen: El Movimiento Hip Hop surgió en los Estados Unidos en la década de 1970, en el distrito de Broxnx en Nueva York, marcado por la pobreza económica y la exclusión social, habitado por negros e inmigrantes, predominantemente jamaicanos y latinoamericanos. La característica más llamativa del movimiento es la denuncia de las precarias condiciones de vida, el descuido de las autoridades públicas en la oferta de servicios públicos esenciales para el bienestar colectivo, el racismo, la xenofobia y otros prejuicios relacionados y, por lo tanto, se inspiraron en movimientos y líderes políticos, símbolos de la lucha negra por los derechos civiles como Malcom-X y Martin Luther King. Hip Hop se compone de cuatro elementos, a saber: break, dance; grafito Dj y Mc, los cantantes, la combinación de estos dos últimos forma el RAP, la música del movimiento. En el contexto brasileño, el movimiento se desarrolló por primera vez en las áreas periféricas de las ciudades de São Paulo y Río de Janeiro, en 1990, luego, se extendió a otras regiones brasileñas adquiriendo características particulares. El objetivo del artículo es analizar el comportamiento de los jóvenes que se adhieren al Hip Hop y sus manifestaciones culturales, especialmente el Rap, para comprender la esencia del movimiento como un desafío social a los males sociales. La metodología se basó en el método fenomenológico basado en experiencias (y percepciones) en 2019 con el grupo de la Zona Este de São Paulo y la revisión bibliográfica. El Hip Hop debe ser desmitificado como una disculpa por la violencia y la criminalidad y apprehendido como un reclamo de los marginados al derecho a la ciudadanía.

Palabras clave: movimiento hip hop, rap, desmitificación, denuncia de gritos.

Introdução

A Geografia, enquanto ciência que estuda as interações do homem com o meio, deve atentar-se, com veemência, as manifestações culturais para compreender o espaço em suas

múltiplas dimensões, e as denúncias sociopolíticas expressas em cada movimento, ação e representação social. O movimento Hip Hop evidencia problemas diversos de uma sociedade marcadamente segregada, fruto de diversos e perversos processos de colonização, partilha e poder homogêneo do homem sobre outro.

O objetivo do artigo consiste em analisar o comportamento dos jovens adeptos ao Hip Hop e suas manifestações culturais, sobretudo, o Rap, para compreender a essência do movimento enquanto contestação social às mazelas sociais. A metodologia pautou-se no método fenomenológico⁴ a partir de experiências (e percepções) vivenciadas no ano de 2019 com o grupo da Zona Leste de São Paulo e retrabalhamento bibliográfico. Vale ressaltar que essa pesquisa foi realizada durante o mês de julho de 2019 no distrito do Artur Alvim, na Zona Leste da cidade de São Paulo – SP (Brasil), com os grupos de produção independentes.

O trabalho está estruturado em três momentos, inicialmente destacando o movimento hip hop, em seguida evidenciando o referente movimento na Zona Leste da cidade de São Paulo, e naturalmente aponta a guisa de consideração. O trabalho expressa, a partir das letras das músicas, figuras e das conversas e vivências, o que é esse grito-denúncia advindo do saber, do fazer e viver a partir da perspectiva do hip hop.

Uma breve discussão do movimento Hip Hop

Os movimentos imigratórios dos negros africanos trazidos à força para trabalhar na América no século XV e dos latino-americanos de países da América Central que emigraram para os Estados Unidos, na segunda metade do século XX, em busca de melhores condições de vida, são fundamentais para a constituição da produção cultural do movimento Hip Hop. (LOUREIRO, 2016).

O movimento cultural Hip Hop surgiu nos Estados Unidos entre 1965 e 1984, precisamente, no distrito do Bronx em Nova Iorque, marcado pela pobreza, miséria e insuficiência no atendimento dos serviços básicos essenciais ao bem-estar coletivo, habitado por, predominantemente, negros e imigrantes - jamaicanos e latino-americanos.

Conforme esclarecido por Amaral (2013), o Bronx foi alvo de políticas de modernização da cidade e da especulação imobiliária, expulsando os afrodescendentes para

⁴ A fenomenologia busca a interpretação do mundo através da consciência do sujeito, realizada pela sua experiência, pois o objeto é como o sujeito o percebe, buscando a intenção do essencial. É um “[...] modo filosófico de reflexão a respeito da experiência consciente e uma tentativa para explicar isso em termos de significado e significância” (BUTTNER, 1985, p.174).

regiões mais distantes, como o Brooklin e o Queens, sendo uma época de devastação e desolação para os jovens negros e imigrantes.

O Hip Hop tem o caráter de protesto social e racial tendo sido “[...] inspirado por referências da luta por direitos civis nos Estados Unidos e preocupado com a situação de pobreza, opressão racial e violência juvenil nos guetos” (LOUREIRO, 2016, p. 236).

Entre os movimentos e líderes políticos em evidência pela luta negra pelos direitos civis que serviram de referência ao Hip Hop, destacam-se Black Panthers, Black Power, Malcom-X e Martin Luther King. Sobre as fases iniciais do Hip Hop nos Estados Unidos, Loureiro (2016) explica que surgiu das rimas improvisadas pelos Rappers e Mc’s na década de 1970 e, em seguida, as primeiras gravações musicais foram produzidas. Destaca-se a atuação do ativista Dj Afrika Bambaataa por afirmar o movimento como protesto social e racial do gênero musical. Bambaataa foi o responsável por reunir em um só movimento os quatro elementos do Hip Hop – DJ e Mc’s, break e grafite.

Bambaataa fundou a Universal Zulu Nation “organismo responsável inicialmente pela promoção da paz no Bronx, entre as gangues e entre estas e a polícia, deslocando esses movimentos de revolta para a produção de cultura [...]” (AMARAL, 2013, p.148).

O Hip Hop define-se como um movimento da juventude negra que se organiza política, social e culturalmente. É constituído por quatro elementos: o break (dança), o grafite (arte plástica), o DJ e o Mc (ou Rapper), os dois últimos juntos formam o RAP – Rhythm and Poetry, Ritmo e Poesia -, que é a música do Hip Hop. Sobre o Rap é um ritmo que se caracteriza por ser uma espécie de fala ritmada, com uma melodia singular, sendo a letra mais significativa que o som. (ANDRADE, 1996) (CAMPOS, MARQUES, 2008).

Nesse contexto, Loureiro (2016, p. 236) recorda que:

O uso da palavra “rap”, há tempos presente nos dicionários de inglês, remonta ao século XIV. Referindo-se a algo como “bater” ou “criticar”, antes mesmo da eclosão da música rap o termo já aparecia no contexto de jogos de improviso e insulto verbal, prática corriqueira entre negros de algumas cidades dos Estados Unidos.

Este gênero musical levou os jovens ao costume de festas em vias públicas com equipamentos de som e microfones acoplados a caminhões e carros, gradativamente, incorporou temáticas socialmente relevantes a partir de sua vivência, como a violência urbana, tráfico de drogas, subemprego, entre outros que externalizam os seus pontos de vista, sendo, por isso, estigmatizados como “malandros”. (LOUREIRO, 2016).

No Brasil, o movimento chegou a meados dos anos 1980, como aponta Santo (2010, p. 4) *apud* Scandiucci (2005), em uma “[...] época de sensível aumento da população pobre do país, e com consequência do agravamento da crise econômica que marcou o período de redemocratização”.

Assentado nesse pensamento, Amaral (2013, p. 1) acrescenta que:

Embora tenham se passado mais de 30 anos, foi uma época marcada pelo desemprego e pela recessão, de forte impacto mundial. Um contexto marcado pelo não emprego das camadas mais jovens, ou, como é comum no Brasil, pelo crescimento do mercado informal que [...] obrigam o trabalhador a transitar entre o mercado legal e o ilegal.

Em consonância com os autores supracitados, as crises econômicas da década de 1980-90 afetaram, principalmente, a população pobre e a jovem. Foi nesse contexto que o Hip Hop se inseriu, primeiramente, no espaço urbano das grandes metrópoles devido às problemáticas sociais serem mais evidente e conflituosa.

As cidades de São Paulo e Rio de Janeiro foram as primeiras a manifestar o movimento, tendo destaque o Rap de improviso que acompanhava as manobras de break. Os rappers cantavam nas ruas e improvisavam ao som de latas, palmas e Beat Box, por isso, o Rap era chamado de “tagarela”. (SILVA, PIRES, 2014 *apud* ZENI, 2004).

A partir destas cidades, o Hip Hop se difunde para várias localidades do país, adquirindo características que remetem às suas particularidades regionais. Trata-se de um fenômeno da cultura urbana, pois é no âmbito das cidades que se encontra mais acentuado e concentrado as problemáticas sociais, fruto da ineficiência da intervenção do poder público e, por vezes, da inércia que o homem depara diante os problemas de cunho político-social.

Os processos migratórios na esfera nacional também foram um dos fatores potencializadores do movimento cultural, tendo em vista a insatisfação social da população pobre e negra - afrodescendente e afro-indígena -, e, posteriormente os nordestinos, sendo alocados para as periferias da cidade de São Paulo.

O anseio por moradia, educação, condições sanitárias, enfim, de condições dignas de vida, tornou-se alvo dos rappers, destacando-se o Mano Brown, do grupo musical Racionais MC's que teve alcance considerável no país. (SILVA, 1995).

O Racionais MC's captou a essência do jovem negro e periférico, superando aquela visão conservadora que o atribui a imagens de alegres rodas de samba, romantizando sua situação, Mano Brown é perspicaz ao abordar a essência e luta cotidiana de tal jovem frente

ao racismo e demais estereótipos, reafirmando sua identidade como não subserviente aos dogmas da estrutura social, revidando as opressões sofridas.

E vale destacar que:

As letras dos Racionais atacam a perpetuação da desigualdade, o racismo, a violência policial e outras mazelas da sociedade brasileira. E o fazem assumindo um posicionamento claro numa estrutura de classes, em franca oposição ao que eles próprios entendem como classe dominante. (TEPERMAN, 2015, p. 78).

O autor supracitado denomina este primeiro momento de “escola” do rap nacional, caracterizado pela luta a favor dos trabalhadores, tendo um aspecto revolucionário, cujo traço marcante é o grito de denúncia “[...] em relação às desigualdades e opressões que ocorrem na periferia”. (SILVA, PIRES, 2014, p. 8).

É pertinente desmitificar o Rap como música de “malandro”, que faz apologia a atos criminosos e violentos, mas atentar-se que suas letras revelam a realidade de uma população, por vezes desconsiderada, esquecida, marginalizada. (TELLA, 2000)

O Hip Hop também leva “[...] os indivíduos a instituir um estilo de vida próprio que tem por fim confirmar e valorizar a sua própria identidade enquanto classe periférica e marginalizada” (SANTOS, 2010, p.7), a exemplo os atos praticados pelos integrantes do movimento relacionado à ideia de identidade e busca de espaço através das pichações.

Nas grandes cidades, tal como São Paulo, nas áreas centrais muitos jovens utilizam o meio ilegal - pichação - para demonstrar sua insatisfação social. Sua marca também tem a intenção de estes serem lembrados, vistos, pelas classes sociais elitizadas. Preferem praticar o ato em localidades e moradias de alto poder aquisitivo porque reconhecem a dificuldade do trabalhador em realizar a manutenção de seu bem material. (SANTOS, 2010).

A segregação socioespacial nas intervenções e políticas públicas contradiz o Direito à Cidade a todos, isto é, “nem todos têm igual direito à cidade, simplesmente porque, a rigor, há dois tipos de cidadania e, por esta via, dois tipos de cidadãos. [...] existe a cidadania conquistada e a sua oposta, a cidadania dada.” (PAVIANI, 2002, p. 187).

O jovem integrante do Hip Hop “busca, sobretudo, o seu reconhecimento, o “direito a cidade” e a “cidadania” politizando-se, através de formas não tradicionais de se fazer política.” (SANTOS, 2010, p. 9). O movimento possibilita ao jovem compreender o mundo em que vive e o seu papel na resistência, fundamental para a transformação social desejada.

Amaral (2013) esclarece sobre o processo de segregação socioespacial e formação das periferias nas grandes cidades, como no sul de São Paulo, onde localizam-se Capão

Redondo, Real Parque e Jardim Panorama, constituídos ao lado de bairros suntuosos como o Morumbi:

Estes bairros reproduzem as relações entre a Senzala e a Casa-Grande, estendendo as relações de desigualdade e de opressão entre o antigo senhorio com direito à propriedade, o trabalhador escravo, destituído de direitos, e os trabalhadores pobres assalariados, que eram e continuam sendo em grande parte privados de respeitabilidade e tratamento digno, sendo obrigados a buscar proteção em relações de favor, de cunho clientelista. (AMARAL, 2013, p. 153).

A proximidade espacial entre os bairros supramencionados assemelha-se as relações entre a Senzala e a Casa-Grande pela desigualdade socioeconômica, acrescenta-se a iniquidade da ação do poder público no atendimento dos serviços públicos básicos: educação, segurança, saúde, infraestrutura, habitação, transporte público, áreas verdes, entre outras, a todos os cidadãos.

Tal disparidade acentua a tensão e gera conflitos entre as classes sociais opostas, ocasionando preconceito e distanciamento por parte daqueles que detém alto poder aquisitivo dos demais, e, por outro lado, o sentimento de indignação dos que se encontram as margens da sociedade.

O Rap na Zona Leste de São Paulo: Resistência ao Preconceito

Esta pesquisa se desenvolve por meio do trabalho de campo na Cidade de São Paulo, o qual teve início às 06 horas da manhã e término às 18 horas do dia 20 de julho de 2019. Para atingir o objetivo do trabalho, foi realizado o acompanhamento do grupo de Hip Hop “Guerrilha M.M.C.” que criou o estúdio independente “Só Salada Produções” (Figura 01). Fundado em 2015, é formado por jovens e adultos moradores do distrito do Artur Alvim - periferia da Zona Leste da cidade de São Paulo.

Figura 01: Logomarca do Grupo “Guerrilha M.M.C” e do estúdio “Só Salada Produções”.



Fonte: Redes Sociais do grupo. Disponível em: <<https://www.facebook.com/sosaladaprod>>. Acessado em 23 de março de 2020.

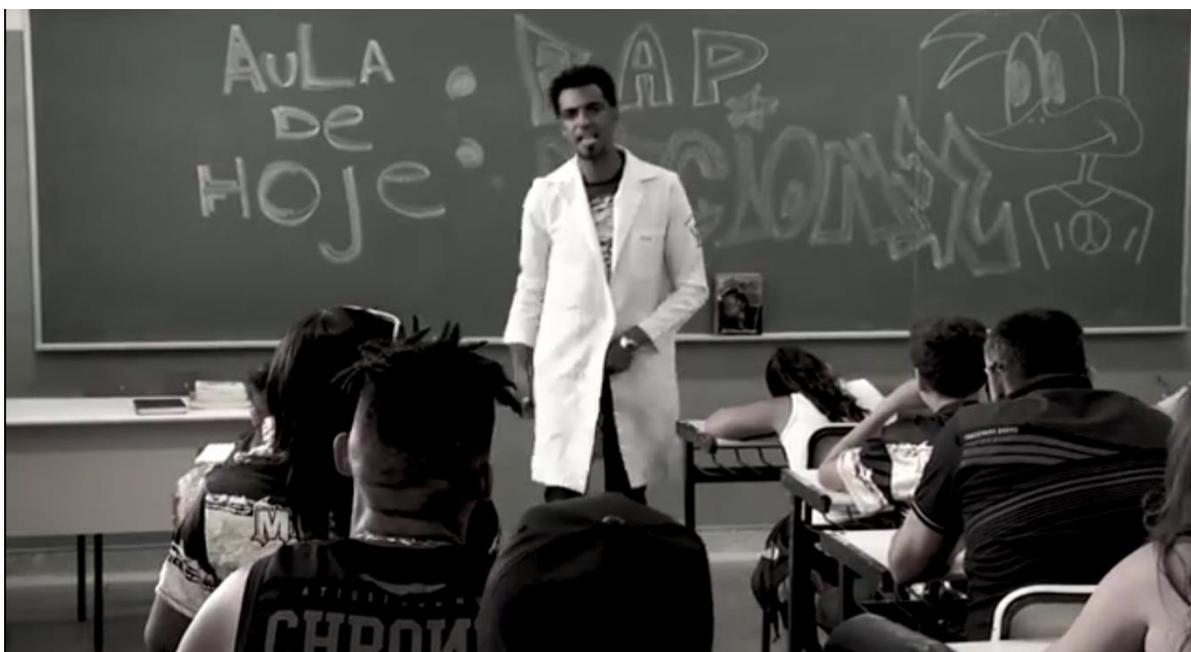
O grupo é formado por dois (2) integrantes fixos e diversos outros integrantes convidados. Os integrantes fixos são amigos de infância que reuniram-se para oferecer oportunidade às jovens e adultos do movimento Hip Hop, concedendo-lhes acesso ao estúdio para divulgar os seus trabalhos nas mídias e plataformas virtuais. Dessa forma, o grupo abrange Rappers e Mcs diversos da região, convidando e fazendo parcerias com aqueles que têm o interesse em se desenvolver e crescer no movimento Hip Hop.

Um dos membros convidados do grupo afirma que sua inspiração para compor músicas do Rap é a partir do *“dia a dia, dos amigos e das pessoas que não tem padrão de sociedade”* (sic) (integrante 01, 2019). O seu trabalho visa representar a comunidade local, expressando suas insatisfações e ressaltando a riqueza cultural e artística dos moradores da localidade. Este integrante acrescenta que ele vive pelo rap e o vê em tudo que está no seu entorno, com isso, o Rap na vida desses jovens e adultos é mais que um estilo musical, é um estilo de vida, conforme a declaração do integrante 02: *“nós vivemos de Rap, todo dia, independente de estar ganhando dinheiro ou não com nosso trabalho.”* (sic) (integrante 02, 2019).

Ao conceder voz às reivindicações sociais, o grupo reafirma o seu compromisso com a comunidade local através do seu trabalho, o qual *“tem o intuito de fazer com que aquelas pessoas que estão cegas, mudas e surdas vejam e saibam que têm direitos e que precisam ir atrás deles”* (sic) (integrante 03, 2019). Nessa direção, há músicas do grupo que enfatiza os direitos e deveres dos cidadãos, ou seja, sobre o exercício da cidadania.

Além desses aspectos, a educação também é evidenciada em suas composições “*a minha parte da música é Rap de mensagem para fazer as crianças saírem das ruas e ir atrás de conhecimento através dos livros*” (sic) (integrante 02, 2019). Nessa perspectiva, o grupo realiza apresentações culturais em escolas da região, como exemplo, a gravação do videoclipe “Cypher” na Escola Estadual Maria Augusta de Ávila em 2017 (Figura 02), localizada no bairro da Vila Nhocuné situado no distrito da Vila Matilde que faz divisa com o Distrito do Artur Alvim.

Figura 02: Videoclipe “Cypher” na Escola Estadual Maria Augusta de Ávila.



Fonte: Cypher Guerrilha MMC Parte 1 - LTA, Hebert Cunha, Douglas, Ditão e Robert (Beat: Skeeter). Disponível em: <<https://youtu.be/jUno9-g1MGE>>. Acessado em 24 de março de 2020.

Verifica-se assim a expansão da área de influência do grupo musical na região que, além desta iniciativa, decorre da participação em eventos públicos promovidos por movimentos Hip Hop da Zona Leste de São Paulo. (Figura 03).

Figura 03: Apresentação do Guerrilha M.M.C na Vila Nhocuné em 2019.



Fonte: Redes Sociais do grupo. Disponível em: <<https://www.facebook.com/GuerrilhaMMC>>. Acessado em 23 de março de 2020.

Tendo em vista a influência do grupo na Zona Leste de São Paulo, realizou-se trabalho de campo durante a realização do clipe da música “Suerte” que teve como cenário a Praça Coronel Custódio Fernandes Pinheiros, apelidada de Praça do Pôr do Sol, e Beco do Batman situados, respectivamente, no Alto de Pinheiros e Vila Madalena, Zona Oeste – SP.

A cidade de São Paulo possui significativa “[...] concentração de serviços especializados avançados tais como bancos, serviços financeiros, jurídicos, educacionais, consultorias etc.,” com isso obteve o status de “cidade global”. (SILVA, 2015, p. 141)

A cidade possui extensão territorial de cerca de 1.521 km², população estimada em 12.252.023 habitantes (IBGE, 2019) e PIB per capita de 57.759,39 R\$ (IBGE, 2017). A administração da cidade é realizada a partir de 32 subprefeituras, destas destacamos as subprefeituras: Penha responsável pelos distritos de: Artur Alvim, Cangaíba, Penha e Vila Matilde, totalizando em uma área de 40,70 km² e população de aproximadamente 476.489 habitantes; Pinheiros responsável pelos distritos de: Alto de Pinheiros, Itaim Bibi, Jardim Paulista e Pinheiros, totalizando em uma área de 31 km² e população de aproximadamente 289.743 habitantes. (PREFEITURA DA CIDADE DE SÃO PAULO, 2020).

A Praça do Pôr do Sol, localizado no Alto Pinheiros, recebeu esta alcunha por proporcionar um dos pores do Sol mais bonitos da cidade. Nos finais de semana e durante as férias, a praça recebe muitos visitantes, predominantemente jovens, para apreciar o contraste do pôr do Sol com os arranha-céus, conforme destacado na Figura 04.

Figura 04: Praça do Pôr do Sol (São Paulo).



Fonte: VIDAL, V. C, 2019.

O Beco do Batman, situado na Vila Madalena - Pinheiros, tornou-se um dos pontos turísticos de São Paulo pelos grafites nos muros da Rua Gonçalo Afonso, este “[...] passa a ser representado como um alto lugar da cultura paulistana [...]” apreciado como “galeria a céu aberto”, (VALVERDE, 2017, p. 12), sendo um local de encontro e de descontração, envolvendo arte, área verde e local de trânsito. (Figura 05).

Figura 05: Beco do Batman (São Paulo).



Fonte: VALVERDE, 2017.

Partindo da utilização do método fenomenológico, a pesquisa pautou-se em experiências vivenciadas, especialmente através de percepções, que possibilitaram identificar elementos presentes nas composições musicais em alusão à realidade dos membros do grupo musical.

A percepção está entendida, aqui, como a linguagem do mundo exterior e interior do homem, despertada a partir da sua experiência de mundo e de como ele percebe o mundo em si mesmo (MERLEAU-PONTY, 1971). Percepção construída, experimentada e “[...] ligada aos processos da cognição, afetividade e memória” (GUIMARÃES, 2002, p.130).

Durante a vivência com o grupo “Guerrilha M.M.C”, além da música “Suerte”, outros trabalhos do grupo foram apresentados, como a música “Líamo”, que expõe críticas sociais diversas de problemas corriqueiros nas metrópoles brasileiras, conforme podemos inferir na letra:

“Líamo”

*(...) E pra amenizar a falta q tu me faz
Imagino como era seus dias ali no Brás
Mesmo com sua formação sem estrutura
Me mostrou o que era cultura
Sem desprezar sua raiz de baiano
Aderiu a vida de paulistano
Curtia até os demônios da garoa
E além de criar seus 9 remelentos
Jamais negou seu acalento
Cuidava de todos como se fossem seus filhotes
Tu foi mais que um coroa
E mesmo a vida não sendo assim tão boa
Me ensinou a ser melhor como pessoa
Dentro dessa visão
Por causa de água e pão
Você sai do sertão
Mas ele vive aqui dentro
Luta contra a fome
Contra a solidão*

Deixar meu legado

Seguir seus passos

Muito obrigado

(Mari Rua - Prod. (Autor Renato Bui), 2019).

A música é uma das formas de representação do mundo, através de sua letra é possível compreender o espaço e o meio que dado grupo social está inserido. (SILVA, PIRES, 2014). A partir da canção, pode-se refletir sobre o despreparo do poder público em receber os migrantes nordestinos no estado de São Paulo com dignidade e inserção efetiva à cidade, por meio da oferta de serviços públicos e infraestrutura de qualidade à população de baixo poder aquisitivo.

Os migrantes saem de suas casas e deixam para trás suas famílias e levam consigo a saudade “*E pra amenizar a falta q tu me faz*”, em busca de melhores condições de vida, que não encontram. A tais problemas é somada a baixa qualificação profissional “Mesmo com sua formação sem estrutura” e péssimas condições de vida “*Luta contra a fome*”. Mas ainda assim orgulham-se de suas raízes “*Sem desprezar sua raiz de baiano*” contrastando ao preconceito de parcela da sociedade às suas manifestações culturais.

As “mazelas sociais servem de matéria prima para a confecção das letras do Rap e se fazem presentes em todo o território nacional” (LÉLIS, 2011, p. 3). O Rap adquire o caráter de representação política através de suas reivindicações aos direitos básicos, como observado em trechos da canção que segue:

“Gênios na Babylon”:

(...)Irmãos embaixo da marquise

Ainda sim felizes

Mesmo a margem, punho cerrado

E levantado.

Não criamos barreiras

Preconceito é um elo fraco.

Onde se cria amor para o ódio não tem espaço

(Gênios na Babylon (Prod. BrinBeats) Brin l Renato Buia, 2019).

O grito-denúncia do grupo acerca das más condições de habitação, moradias irregulares, periféricas, e na sua ausência é evidenciado na frase “*embaixo da marquise*”, ao

serem questionados sobre a quem se referiam neste trecho da música, esclareceram que aos indivíduos em situação de rua que a noite dormem embaixo de parapeitos de prédios.

A sua resistência “*Mesmo a margem, punho cerrado*” é o que fortalece o movimento e potencializa a sua importância para a compreensão das desigualdades sociais. (AZEVEDO, 2000). As diferenças de oportunidades, o preconceito de parcela da sociedade aos adeptos deste gênero musical e a busca pelos direitos fundamentais é destacada no seguinte trecho:

(...)

Quantos de nós tiveram que largar o sonho de ser Neymar

É desleal nossa luta nos dá forças Jah

Driblando o preconceito nossos direitos vamos buscar

(Gênios na Babylon (Prod.BrinBeats) Brin l Renato Buia, 2019).

Além do preconceito e da desigualdade social, acrescentasse ao debate a insatisfação dos jovens periféricos à segregação socioespacial da cidade de São Paulo. Boaba (1991, p. 21) esclarece que “o sentimento de pertencer a um espaço ordenado ou habitá-lo valoriza o homem; inversamente, o homem se sente desvalorizado quando o espaço ao qual pertence ou mora é desvalorizado”.

A desvalorização, neste caso, relacionado à falta de infraestrutura e demais cuidados urbanísticos do poder público, e, conseqüentemente, preconceitos dos cidadãos das demais classes sociais com esta área.

Para a realização do clipe (Figura 06), as localidades supracitadas foram escolhidas por serem atrativos turísticos. Ressalta-se que são habitadas por uma população de alto poder aquisitivo, logo, as discrepâncias econômica, social e arquitetônica entre a Zona Leste e Zona Oeste de São Paulo puderam ser observadas.

Figura 06. Imagens do vídeo clipe Suerte.



Fonte: Guerrilha MMC/"Suerte". Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=YnCaZuGWZTw>>. Acessado em 28 de janeiro de 2020.

Ao transitar nos pontos escolhidos com o grupo, percebeu-se o desconforto por serem jovens negros, pobres e periféricos devido as suas vestes, gírias, e demais atributos que remetem a sua origem sendo, frequentemente, abordados pelas autoridades policiais que conferem os seus antecedentes criminais.

Além de corriqueiras abordagens policiais, em estabelecimentos comerciais notou-se o desconforto de funcionários e clientes a presença do grupo, situação não observada nas demais localidades frequentadas por eles.

Não há muros ou placas que privem o livre transitar destes jovens nos espaços públicos, a sociedade e as autoridades por si só o fazem ao discriminá-los, ao invés de inseri-los socialmente. Tal preconceito está relacionado ao estigma de conceber a figura dos adeptos do Hip Hop como malandros, vadios etc., pelas letras e ritmos entoados tidos como apologia à criminalidade e violência. (SCANDIUCCI, 2005).

A desmistificação do Rap será possível pelo incentivo à análise de suas letras, enquanto relatos do seu cotidiano, de uma realidade social. É a partir do senso crítico desta realidade que possíveis estratégias poderão ser traçadas visando a inserção social destes jovens.

Sobre a contribuição da música e poesia para a formação dos jovens enquanto cidadãos críticos e sua inserção social, Santos (2010. p. 9) salienta que:

[...] é nessa vertente que o movimento Hip Hop trabalha com a juventude, não sendo cúmplice da violência urbana, embora muitas vezes seja estigmatizado como “coisa” de marginal e de ladrão. Essa juventude que está inserida nesse movimento cultural busca, sobretudo, o reconhecimento, o “direito à cidade” e a “cidadania” politizando-se, através de formas não tradicionais de se fazer política.

Em conformidade com o autor, o movimento é um importante meio político “de desenvolvimento de práticas socioeducativas e de autoafirmação para a população negra e jovem do Brasil”. (SANTOS, 2010, p. 10). O Rap não se dissocia, então, da educação, ao contrário, auxilia o jovem a compreender o mundo em que vive. A educação é ressaltada no trecho abaixo:

*Estudar para a mente brilhar
O livro, poesia, microfone música é uma arma
Deixa o menino jogar babilônia
Lutar é igual a sofrer não pare
Resistência é ser rastafári e não rastafraude
Ame o que o vem de dentro este louvor
Juntos irmãos derrubados Nabucodonosor
(Gênios na Babylon (Prod.BrinBeats) Brin l Renato Buia, 2019).*

Por isso, devem ser elaboradas práticas educativas e culturais nas áreas periféricas para atrair os jovens, concedendo enfoque as suas potencialidades artísticas de modo a desenvolver o pensamento crítico frente a sua realidade social, tendo em vista que os jovens são fundamentais para o alcance da almejada transformação social emancipatória.

Considerações Finais

O Hip Hop evidencia as problemáticas sociais das áreas periféricas da cidade a partir da percepção dos jovens, expressa por distintas formas artísticas. Por meio delas é possível entender a dinâmica da cidade e o comportamento dos seus indivíduos. A Geografia Cultural, especialmente vinculada aos estudos sobre o urbano, contribui significativamente por analisar, a luz da sensibilidade / humanística, à temática, enriquecendo os debates por abranger as representações e símbolos da sociedade.

Além da desmistificação, a efetiva inserção social de tais jovens poderá diminuir as tensões e os preconceitos entre as classes sociais. O Rap é a voz dos excluídos e sua resistência abre caminho para propostas de mudanças sociais, políticas e econômicas mais

justas à população, como destacado nesse trabalho, a luz da fenomenologia e da percepção ambiental (MERLEAU-PONTY, 1971).

As percepções obtidas pelo convívio com o grupo musical mostraram-se profícuas na apreensão da realidade de tais jovens concernente ao preconceito social, racial, e institucional, o que, por sua vez, realça a importância social do movimento Hip Hop por abranger os jovens comumente excluídos e desconsiderados, sendo uma forma de expressão política não convencional por reivindicar efetividade, eficácia e equidade da ação Estatal na cidade de São Paulo.

Referências

AMARAL, M. T. D. O rap, a revolução e a educação: do Bronx à Primavera Árabe. *Ide*, 36(56), pp. 145-159, 2013.

ANDRADE, E. N. **O movimento negro juvenil**: um estudo de caso sobre os rappers de São Bernardo do Campo. Dissertação de mestrado – Universidade de São Paulo, Departamento de metodologia de Ensino e Educação Comparada. São Paulo-SP, 1996.

AZEVEDO, A. M. G. **No ritmo do rap: música, cotidiano e sociabilidade negra / São Paulo (1980-1997)**. 2000. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2000.

BOABA, L. **O espaço recriado**. São Paulo: Nobel, 1991.

BUTTNER, A. Aprendendo o dinamismo do mundo-vivido. *In.*: CHRISTOFOLETTI, Antônio Carlos (Org.). **Perspectivas da geografia**. São Paulo (SP): Difel, 1985.

CAMPOS, R. R.; MARQUES, E. R. C. O rap como uma possibilidade para o ensino de geografia. *Geografia*, Rio Claro, v.33, n.2, p.235-252, mai./ago. 2008.

CARRIL, L. **Quilombo, favela e periferia** – a longa busca de cidadania. São Paulo: Annablume/FAPESP.

GUIMARÃES, S. T. L Reflexões a respeito da paisagem vivida, topofilia e topofobia à luz dos estudos sobre experiência, percepção e interpretação ambiental. *Geosul*, Florianópolis, v.17, n.33, pp.117-141, jan./jun. 2002.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE CIDADES. Produto Interno Bruto per capita de São Paulo, 2017. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/panorama>> Acesso em: 06 de fev. de 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE CIDADES. Dados demográficos, 2019. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/panorama>>. Acesso em: 01 de fev. de 2020.

LOUREIRO, B. R. C. Arte, cultura e política na história do rap nacional. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, (63), p. 235-241. 2016.

MERLEAU-PONTY, M. O espaço. *In.*: MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. Rio de Janeiro (RJ): Livraria Freitas Bastos, 1971, pp. 249-303.

MMC/"Suerte". **Vídeo Clipe "Suerte"**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=YnCaZuGWZTw>>. Acessado em: 28 de jan. de 2020.

SANTOS, J. P. O RAP: um movimento cultural no Nordeste de Amaralina. *In.*: **VI Encontro de estudos multidisciplinares em cultura**. Salvador, Bahia, 2010.

SCANDIUCCI, G. **Juventude negro-descendente e a cultura hip hop na periferia de São Paulo**: possibilidades de desenvolvimento humano sob a ótica da psicologia analítica. Dissertação em Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

SILVA, A. J; PIRES, M. M. Os Desafios da Escola pública paranaense na perspectiva do Professor PDE Artigos. *In.*: **As letras do Rap como recurso metodológico no ensino de Geografia e na percepção do espaço vivido**, 2014. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_unicentro_port_pdp_mirian_izabel_tullio.pdf>. Acessado em 31 de dez. de 2019.

SILVA, J.C.G. **Rap na cidade de São Paulo**: música, etnicidade e experiência urbana. Tese em Sociologia. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995.

SILVA, M. A. São Paulo: Centro Financeiro Internacional e Possíveis Impactos nas Relações de Trabalho. **Augusto Guzzo Revista Acadêmica**, São Paulo, v. 1, n. 15, p. 132-143, dec. 2015. ISSN 2316-3852. Disponível em: <http://fics.edu.br/index.php/augusto_guzzo/article/view/233>. Acesso em: 06 fev. 2020.

TELLA, M.A.P. **Atitude, arte, cultura e autoconhecimento: o rap como voz da periferia**. Dissertação em Sociologia. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2000.

TEPERMAN, R. **Se liga no som**: as transformações do rap no Brasil. São Paulo: Claro Enigma, 2015.

VALVERDE R. R. H.F., (2017). Os limites da inversão: a heterotopia do beco do batman, São Paulo. **Boletim Goiano De Geografia**, 37(2). Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/bgg/article/view/49153/pdf>>. Acesso em: 6 de fev. de 2020.

Recebido em 17 de fevereiro de 2020.

Aceito em 03 de abril de 2019.

Publicado em 02 de junho de 2020.